

## Entrevista

**Florestan F. Júnior e Heloísa R. Fernandes**

por Zilda Iokoi e Marcos Cripa

# TUDO NA VIDA É SÉRIO, MAS NADA É DEFINITIVO

Ronaldo Entler



*Considerado um dos mais respeitados intelectuais brasileiros, Florestan Fernandes não tinha por hábito falar de sua vida pessoal. Aos que insistiam, dizia apenas que a casa dele era “uma redoma de ouro”. Nesta entrevista, concedida duas semanas após sua morte, Florestan Júnior e Heloísa Rodrigues falam do homem Florestan Fernandes e contam passagens que marcaram suas vidas ao lado do pai. Lembram do afastamento imposto aos filhos, no início da carreira, para que o pai pudesse elaborar seus trabalhos, e do café da manhã que Florestan Fernandes fazia questão de preparar para a família. Falam, ainda, da esperança que Florestan teve de retornar à USP e de sua alegria ao ingressar na política partidária, onde foi deputado federal por duas legislaturas consecutivas pelo Partido dos Trabalhadores. Não existiu, por parte dos entrevistadores e dos filhos, a preocupação com relatos cronológicos. A proposta era conhecer um pouco da vida familiar que deu sustentação ao intelectual e ao político Florestan Fernandes.*

**Adusp - Neste momento, centenas de textos no Brasil e em várias partes de mundo analisam a obra do intelectual Florestan Fernandes. Gostaríamos que vocês falassem do homem, do cidadão comum, do pai Florestan Fernandes.**

**Heloísa** - Quase aos cinquenta anos de idade, posso dizer que tive o privilégio de não ter tido o mesmo pai ao longo desse tempo. Eu tive inúmeros pais. Um aos dez anos, outro aos quinze e um outro aos vinte anos. O pai mais amoroso e o mais carinhoso foi o último. Sinto-me privilegiada em relação a outras pessoas porque, em geral, com a velhice os pais ficam mais agressivos, mais teimosos, e esse meu último pai era mais amoroso, mais atencioso. Se nós não fossemos na casa dele, no dia seguinte ele dizia: "Senti tanto a sua ausência, gostaria tanto que você tivesse vindo". A perda ainda é maior porque ele estava se relacionando muito com os filhos, os netos e os bisnetos. Meu filho, de 26 anos, conviveu muito com este meu último pai. Eles conversavam, e papai ouvia com enorme atenção todos os problemas e as crises próprias da idade do meu filho e dizia: "Tudo é sério, mas nada é definitivo". Essa frase quer dizer que meu pai tinha o maior interesse em ouvir tudo o que você dissesse, de qualquer ordem e procedência, com a maior seriedade, mas querendo te mostrar que nada é definitivo na vida.

**Florestan Júnior** - Acho que nestes últimos dez anos, depois que foi para a Câmara Federal, ele começou uma nova atividade na vida. Passou a ficar um pouco mais distante da família e, portanto, bem mais sensível a essa falta. Tinha uma gratidão muito grande pelos filhos porque durante toda a vida dele sempre lutou muito sozinho, virava a noite escrevendo, à máquina. Lembrome de, aos 11 anos, dormir escutando o bater da máquina de es-

crever e logo pela manhã, às 6 horas, ele já estava em pé para arrumar a mesa do café, cortar o pão, e do jeito que cada um dos filhos gostava. Quando nós acordávamos, o lugar de cada um à mesa já estava arrumado. Apesar disso, o contato, neste período, era pequeno porque logo em seguida ele saía para a universidade e trabalhava até tarde. No período da política partidária, os filhos foram muito solidários com ele, participando da campanha, arrecadando dinheiro, distribuindo material de propaganda, e disso tudo saiu uma união muito grande. Ele teve vários momentos de pensar a família, e o momento do exílio, acredito, foi o mais difícil. Mas o momento mais bonito acho que foi o desses últimos dez anos, porque ele demonstrava existir uma verdade interior. A verdade de um sábio, a verdade de quem não tem mais nada a provar. Ele estava muito tranqüilo.

**Adusp - Heloísa, você falou de ter convivido com vários pais ao longo das últimas cinco décadas. Como era o pai Florestan Fernandes quando você tinha dez anos?**

**Heloísa** - Eu sou a mais velha e sempre tive uma ligação muito forte com o meu pai, uma ligação muito apaixonada. Então, tem também a história dos maiores ódios, dos maiores enfrentamentos e aquelas coisas que caracterizam a relação mais forte com o pai. Certa vez eu estava conversando com ele acerca desse período, que era exatamente o momento em que meu pai, muito jovem, estava batalhando para, no fundo, mudar de classe social. Fala-se muito que ele veio de outra classe etc., etc., mas isso teve um custo muito alto para a nossa família. Principalmente eu e minha irmã Noêmia, a segunda filha, sofremos mais porque ele queria que nós tivéssemos uma família e sabia que era o chefe dessa família, mas não teve uma experiência de

família como aquela que nós estávamos tendo. Ele cobrava de nós segundo uma expectativa idealizada, que passava por se preocupar com o que os vizinhos iriam pensar de um determinado fato ou acontecimento ocorrido em nossa casa. Ele dava importância a ter uma família. Por outro lado, ele mesmo reconhecia que não teve experiência do que era uma família e, então, nós fomos a família que ele teve de "inventar" porque não existia um padrão familiar na formação dele.

**Adusp - Foi um período duro?**

**Heloísa** - Foi, especialmente para mim e para a Noêmia. Conversando com o meu pai, certa vez, ele disse que lastimava ter sido tão duro comigo e com a minha irmã, esquecendo-se que, de qualquer modo, era uma pessoa muito amorosa. Eu nunca duvidei do amor dele, e foi nessa segurança, nessa certeza, que nós tínhamos as nossas brigas.

**Adusp - Nessa época vocês moravam no Brooklin?**

**Heloísa** - Morávamos no Brooklin e convivíamos com ele apenas na parte da manhã, porque durante o resto do dia ele se dedicava à faculdade e à noite recolhia-se ao escritório para estudar e escrever seus textos. Ele era, de certo modo, ausente. Por outro lado, dentro dessa ausência, o Júnior lembrou do pão que ele cortava pela manhã que ele chamava de soldadinho. Eu me lembro desse mesmo soldadinho, e a minha filha Ana, que viveu com ele os dois primeiros anos da vida dela, lembra, hoje aos 29 anos, desse mesmo soldadinho servido no café da manhã, assim como os outros netos também lembram do soldadinho.

**Adusp - Heloísa, o que você lembra desse escritório a que você se referiu há pouco, e o Júnior logo no início da entrevista?**

**Heloísa** - O escritório era o lu-

gar em que nós, aos dez anos, não podíamos entrar porque, se fizessemos barulho, iríamos perturbar o meu pai. Eu até escrevi, no memorial para a livre-docência, que não é por acaso que, para mim, escritório ficou sendo uma sala cheia de livros, onde um homem lê e escreve. Ele também descobriu que aquele escritório, uma sala cheia de livros, o oprimia. Não conseguia mais escrever ali e acabou montando um outro escritório, no fundo da casa, só para redigir seus trabalhos. Quando havia um problema com qualquer um dos filhos, ele chamava para conversar no escritório. Acontece que para nós o escritório tinha todo aquele peso de inviolabilidade, e o resultado é que, quando nós chegávamos lá, já entrávamos em prantos, de tal modo que ele não conseguia mais falar conosco. Ele ficava irritado porque queria conversar seriamente e o choro tornava impossível o diálogo. Certa vez conversei com minhas irmãs sobre o escritório, e elas têm essa mesma impressão.

**Adusp - O escritório é marcante na vida de vocês.**

**Heloísa -** Minhas irmãs lem-

bram muito esse aspecto: meu pai estava em casa, mas estava nesse escritório, onde não se podia fazer barulho e conversar, o que significava que ele estava ausente. Aí eu disse a elas: "Não é verdade. Vocês conhecem as cantigas de criança, de folclore e de ninar exatamente porque ele cantava conosco".

**Júnior -** Lembro-me que ele nos colocava no colo e cantava várias músicas. Ele fez isso com os netos também.

**Heloísa -** Sabemos muita coisa de folclore por causa desse comportamento, e eu contei esse fato porque queria recuperar aquela coisa dos inúmeros pais que eu falei no começo.

**Adusp - Vocês moraram muitos anos no Brooklin, na Rua Nebraska, e essas estórias são todas daquela casa. O professor Florestan gostava daquele local?**

**Júnior -** Ele tinha uma verdadeira paixão pela casa. Só saiu de lá quando todos os filhos já tinham se casado. Quinze dias antes de ser internado para o transplante ele me pediu para

passar em frente à casa, e ela já não existia mais. Estava toda demolida. Não tinha mais nada no local.

**Adusp - Ele fez algum comentário?**

**Júnior -** Não. Ficou um silêncio dentro do carro.

**Adusp - Quando é que você percebeu a postura socialista do seu pai?**

**Heloísa -** Eu tinha uma clara idéia de que meu pai tinha vindo de uma outra classe, e isso não significava que nós tivéssemos tido qualquer conversa específica sobre isso. Mas um dia conversei com ele sobre isso. O por quê de ele nunca ter me dado um livro socialista para ler ou de nunca falar nesse assunto comigo. Ele contou que tinha tido uma discussão com o Antonio Candido e que achava que a melhor forma de educar os filhos era que eles não tivessem um caminho pré-determinado pelos pais. Portanto, se temos inclinações socialis-



*Acima, em 1968, Dona Myrian com os filhos: Myrian Lúcia, Sílvia, Beatriz, Florestan Júnior, Noêmia e Heloísa. À esquerda, em 22 de julho, parte da família reunida no último aniversário do prof. Florestan Fernandes.*



*Ele havia investido tudo na universidade e de uma hora para outra chegam e dizem: “Você está fora”. Tínhamos o pai que nos ensinava cantigas, mas também o que ficava no escritório, se dedicando à universidade.*

tas não foi por doutrinação do meu pai. A primeira vez que eu tive a clareza das posições dele foi no momento da prisão. Foi um impacto muito grande na família. Agora, foi na faculdade que eu conheci esse meu outro pai intelectual e socialista. Não foi dentro de casa, não.

**Adusp - Como foram, para a família, os dias que ele passou na prisão?**

**Júnior** - Lembro que minha mãe me levou para o escritório, o tal escritório, e disse: “O seu pai está sendo preso, mas não é porque ele cometeu algum crime, não. É porque ele discorda politicamente do governo”. Minha mãe queria esclarecer os motivos da prisão porque fotos do meu pai estavam saindo nos jornais e ela estava com receio de que eu tomasse conhecimento na escola ou através de outras pessoas. Na véspera da prisão já dava para perceber um clima diferente porque, como houve uma troca de cartas entre o meu pai e um oficial, muita gente apareceu em casa, a exemplo do Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e tantos outros, para se solidarizar. Eu via a minha mãe, de cabeça baixa, chorando, preocupada. Isso eu me lembro bem, porque foi uma cena que marcou muito.

**Adusp - E as lembranças do retorno dele para casa, após a prisão?**

**Júnior** - No dia que ele saiu da prisão eu entendi que ele não gostava do governo. Eu não tinha uma percepção maior do que essa de que ele não gostava do governo e era contra o imperialismo norte-americano. Nesse mesmo dia ele falou pra mim: “Vamos até a Faculdade de Filosofia (que ficava na Rua Maria Antônia)”. No saguão ele ainda estava conversando com um bedel quando os estudantes começaram a descer pelas escadarias cantando o Hino Nacional e aplaudindo o meu pai. A escola toda apareceu no saguão, e eu, como era pequeno ainda, nunca tinha visto tanta gente junta. Fiquei muito assustado e comecei a recuar, distanciando-me do meu pai. Era uma confusão tão grande que eu, assustado, agarrei a perna não sei se do Fernando Henrique, do Antonio Candido ou do Otávio Ianni.

**Adusp - Logo após este episódio ele foi afastado da USP e se auto-exilou no Canadá.**

**Heloísa** - Ele foi para o Canadá, e os filhos que ainda não estavam casados ficaram com a minha mãe, que nunca trabalhou fora e, portanto, era a nossa refe-

rência doméstica. Uma pessoa realmente forte. Nesse período do Canadá ele me escrevia semanalmente.

**Adusp - E o retorno do Canadá?**

**Heloísa** - Foi ruim, porque ele havia investido tudo na universidade e de uma hora para outra chegam para ele e dizem: “Você está fora”. Como se pode ver, nós tínhamos o pai da manhã, o pai que nos ensinava cantigas, mas tínhamos também o pai que ficava no escritório, afastado da família e se dedicando à universidade.

**Júnior** - Foi nesse início da década de 70 que a doença dele começou a se manifestar. E além disso, ele ficou muito isolado. Os amigos sumiram e ele não tinha mais o espaço da universidade. Ele não tinha a quem falar. Ele só se reencontrou novamente, recuperou a felicidade, quando entrou para a política partidária.

**Adusp - E o pai parlamentar, como é que surgiu?**

**Júnior** - Eu influenciei muito nessa decisão dele. Eu estava muito preocupado com o fato dele não estar bem. Outra influência, mesmo que indireta, surgiu de uma conversa do meu pai, que ainda alimentava esperanças de voltar para a USP, com o Otávio Ianni. Ele colocou meu pai na realidade ao dizer: “Professor, os nossos colegas gostam de nós, gostam do nosso trabalho e muitos foram solidários conosco, mas eles não querem a nossa volta porque isso vai causar uma série de problemas internos na universidade. A solidariedade deles vai até um certo ponto, mas não ao ponto de nós termos espaços pra voltar”. Acho que foi aí que ele se deu conta de que a USP era uma página virada na vida dele.

**Adusp - Você acredita que ele possa ter morrido frustrado por não ter voltado à USP?**

**Júnior** - Acho que não, isso

ele já tinha resolvido internamente. Penso que ele morreu frustrado de nunca ter tido férias.

**Adusp - Você falava do ingresso dele na política partidária.**

**Júnior** - Após essa conversa com o Otávio Ianni, percebi que meu pai deixara uma porta para entrar na vida política. Aí, um dia, o Zé Dirceu conversou comigo sobre a possibilidade de meu pai entrar para o Partido dos Trabalhadores, e nós marcamos uma reunião com o Lula, o Suplicy e o próprio Zé Dirceu. Ele topou o desafio, e eu, particularmente, vi naquela decisão um caminho novo para ele.

**Adusp - Como foi recebida essa decisão dele?**

**Júnior** - Muitos achavam que não daria certo porque ele já estava doente. Ele provou que estavam errados os que pensavam assim, porque a campanha tirou a cabeça dele da doença, colocou uma nova esperança e foi uma coisa bonita porque, de repente, ele mesmo precisava se colocar à prova. Saber exatamente o que ele representava. Foi nesse momento que reuni a Heloísa, o Octávio Ianni, o Vladimir Sacchetta e mais alguns amigos e disse: “Vamos lá, meu pai é candidato, precisamos arrumar dinheiro, montar comitê e sair à luta”. De repente, começaram aparecer adesões espontâneas. A Unicamp montou um comitê, a PUC/SP outro, a Unesp outro e assim começaram a aparecer comitês em todo o Estado. Enquanto ele ia de carro participar de uma palestra em Ribeirão Preto, encontrávamos o Serra (José Serra, atual ministro da Fazenda), que descia de um avião particular, participava da palestra e pegava novamente o avião para se dirigir a outra palestra ou a um comício. Nós não tínhamos muita experiência em campanha e acabávamos sacrificando o candidato. Um exemplo é o das dobradas

(com candidatos a deputados estaduais). Meu pai conversava longamente com cada um deles e pessoalmente sentava à máquina de escrever e redigia o texto, ora sobre os problemas dos metalúrgicos do ABC, ora sobre a saúde, e assim por diante. Os candidatos a estaduais saíam satisfeitos porque passavam a ter um texto elaborado pelo próprio Florestan Fernandes em seus panfletos. Não era a equipe quem produzia. Ele mesmo fazia questão de elaborar os textos.

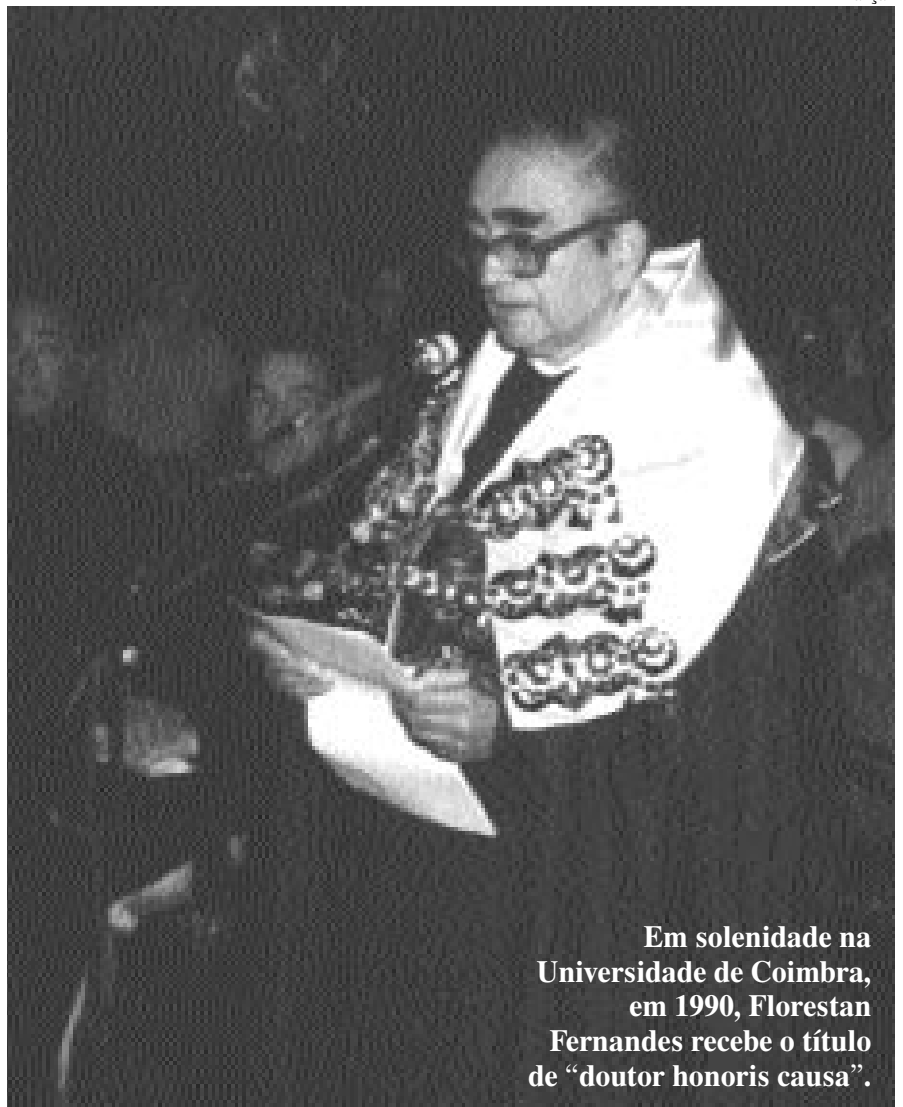
**Adusp - Você falou do José Serra fazer a campanha deslocando-se de avião. Como é que o seu pai via a questão do poder econômico na eleição?**

**Júnior** - Evidentemente ele não gostava. Achava que era uma maneira desleal de fazer a campanha, mas tinha a consciência de que a democracia no capitalismo é exatamente isso. Mas, ao final, com poucos recursos financeiros, ele ficou muito feliz por ter obtido 50 mil votos. E olha que nós gastamos naquela campanha o equivalente a um veículo Gol usado. Imagine se ele tivesse jatinho.

**Adusp - Quais os fatos mais marcantes da campanha?**

**Júnior** - São muitos, mas dois deles especiais. O primeiro diz respeito ao Fernando Henrique (PSDB). Ele me procurou e disse: “O seu pai não pode perder

Marçal



**Em solenidade na Universidade de Coimbra, em 1990, Florestan Fernandes recebe o título de “doutor honoris causa”.**

essa eleição de jeito algum. Ele tem de entrar na disputa para ganhar”. Isso me deixou meio paranoico porque aumentou a responsabilidade. O outro fato interessante foi o Fernando Moraes (PMDB) mandar um envelope com um cheque e uma carta dizendo da importância da eleição de meu pai. Isso marcou muito porque o Fernando também era candidato a deputado federal. Naquela ocasião o Fernando Moraes pediu sigilo sobre a contribuição que estava fazendo para a campanha do meu pai.

**Adusp - O atual presidente Fernando Henrique, além de ter sido aluno do professor Florestan Fernandes, acabou se transformando num amigo da família. Quando foi a última vez que eles se encontraram?**

**Júnior** - Foi no dia em que meu pai foi condecorado com a Ordem do Rio Branco, em Brasília. Quando terminou a solenidade, eu, meu pai e minha mãe fomos para a sala do Fernando Henrique, e, no caminho, conversando comigo, ele falou da sua preocupação com a saúde de meu pai e da possibilidade de encaminhá-lo aos Estados Unidos para exames. Na sala da presidência nós nos sentimos como estranhos no ninho. Meu pai e minha mãe sentados num sofá, e em pé o filho do Antônio Carlos Magalhães (Luís Eduardo Magalhães) e o Marco Maciel (vice-presidente). O Fernando Henrique conversou com eles, e num dado momento sentou para conversar com meu pai e minha mãe. Falaram sobre a viagem que FHC tinha feito aos Estados Unidos e da homenagem que ele recebera em Portugal.

**Adusp - Em Coimbra, anteriormente, quando o professor Florestan Fernandes foi homenageado, o Fernando Henrique estava presente?**

**Heloísa** - Estava sentado ao



*Minha mãe disse uma coisa muito bonita: “No momento em que você quiser conversar com seu pai, pegue o carro, vá até a praia de Juqueí e fique olhando para o mar. Você pode ficar conversando com ele ali”. As cinzas foram jogadas ao mar pelos meus sobrinhos.*

meu lado, e realmente aquele foi um momento muito emocionante. O Fernando Henrique chorou.

**Júnior** - A idéia que dá é que meu pai não estava ganhando o título sozinho. Era o grupo todo que estava sendo homenageado.

**Adusp - Além do Fernando Henrique e do Otávio Ianni, o seu pai nutria uma grande amizade pelo Antonio Candido.**

**Júnior** - Eles eram tão amigos que se beijavam. Certa ocasião, perguntaram ao Antonio Candido por que ele beijava o Florestan Fernandes e ele respondeu: “Só faz essa pergunta quem nunca beijou um amigo”.

**Adusp - Com relação ao transplante, como o professor Florestan Fernandes o encarava?**

**Júnior** - Ele acreditava muito, achava que era uma possibilidade verdadeira, e dizia que, após a recuperação, finalmente iria tirar férias e viajar com minha mãe pela Europa. Ele passou as horas que antecederam a cirurgia bastante consciente e segurando a minha mão. Estava apreensivo e com medo. Eu saía para o corredor e chorava sozinho, sem que ele percebesse. Naquele momento chegou a passar pela minha cabeça a idéia de falar com ele para irmos embora e deixarmos o transplante de lado. Mas como ele e todos nós achávamos que iria dar certo, e também pelo fato dele estar sofrendo muito, não disse nada. Apenas liguei para a Heloísa, às 3h30 da madrugada, e avisei da cirurgia. Ela falou com o meu pai e logo depois ele seguiu para a sala de operação.

**Adusp - A cremação era um desejo dele?**

**Júnior** - Era um desejo que ele queria ver cumprido. Mas outro dia eu fiquei pensando que cemitério tem uma coisa de referencial. Você vai à frente do túmulo e ali está simbolizada a pessoa que você perdeu. Se eu quisesse falar com o meu pai eu ia até o cemitério e conversaria com ele. Falei sobre isso com minha mãe e ela disse uma coisa muito bonita: “No momento em que você quiser conversar com seu pai, pegue o carro, vá até a praia de Juqueí e fique olhando para o mar. Você pode ficar conversando com ele ali”. As cinzas foram jogadas ao mar pelos meus sobrinhos.

**Heloísa** - Meu pai adorava o mar, ele ia somente para nadar. Nunca vi uma pessoa que nunca se sentou na areia para tomar sol. Ele gostava de nadar pela manhã e no final da tarde. No restante do dia, ficava trabalhando, o que significa que na realidade ele nunca teve férias.